

NA QUARENTENA, O TESÃO PODE SER O PIOR INIMIGO: CONVERSANDO COM HOMENS USUÁRIOS DO GRINDR SOBRE NAMORO E “PEGAÇÃO” EM TEMPOS DE PANDEMIA

Ruann Moutinho Ruani¹
Dilton Ribeiro Couto Junior²
Ivan Amaro³

Resumo: O texto analisa os usos do aplicativo Grindr por homens *gays* durante a pandemia. A cartografia *online* é o método adotado devido a possibilidade de experimentação teórico-metodológica que nos convida a analisar interpretativamente os acontecimentos sociais que se encontram em reconfiguração permanente no contexto das práticas culturais mediadas pelo digital em rede. Preliminarmente, as análises de conversas *online* estabelecidas com quatro homens que utilizam o aplicativo apontam que, embora seus usuários nem sempre estejam seguindo as orientações de segurança para não se contaminarem pelo novo coronavírus, muitos vêm encontrando no Grindr novas oportunidades de sociabilidade *online* no lugar de marcar encontros presenciais.

Palavras-chave: Grindr; Homens *gays*; Pandemia; Quarentena.

During quarantine, lust can be the worst enemy: conversations with male Grindr users about dating and “making out” in times of pandemic

Abstract: This work analyzes the uses of the dating/“making out” app Grindr by gay men in times of pandemic. For this analysis, we adopted the online cartography method, because it constitutes a possibility for theoretical and methodological experimentation that invites the researcher to interpretively analyze social events that are in permanent reconfiguration in the context of cultural practices mediated by digital networks. The preliminary results of the study conducted with four men showed that, although users of the application did not always follow the recommended safety guidelines so as to escape being contaminated by the new coronavirus, many found new opportunities to socialize online on Grindr instead of scheduling and going to face-to-face meetings.

Keywords: Grindr; Gay men; Pandemic; Quarantine.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ruruani@yahoo.cl)

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (junnior_2003@yahoo.com.br)

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ivanamaro.uerj@gmail.com)

E VEIO A PANDEMIA! MUDANÇAS DE PERCURSO/FOCO NA PESQUISA

Até 2019, a internet já era considerada uma grande aliada na produção de conhecimentos e isso inclui, por exemplo, a escrita colaborativa, a troca de e-mails e de outras mensagens via redes sociais entre professoras/es e estudantes e a busca por artigos científicos, dissertações e teses em bibliotecas digitais de livre acesso (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020). Com a pandemia da COVID-19, decretada em março de 2020 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o cenário das pesquisas no mundo, de modo mais específico, no campo das Ciências Humanas e Sociais, tornou-se cada vez mais mediado pelas tecnologias digitais em rede, trazendo implicações significativas para a forma como realizamos nossos estudos, principalmente aqueles que envolvem a interação com outros seres humanos.

Para Lemos (2009), nossa sociedade contemporânea se desenha sob fortes influências das tecnologias digitais conectadas à internet e, assim, a produção e o compartilhamento de informações que realizamos com outros sujeitos geograficamente dispersos inauguram novas relações com a territorialidade. Nesse movimento envolvendo as tecnologias digitais e as pessoas, percebemos a produção de cultura, a constituição de processos de sociabilidade e subjetividade (LE MOS, 2009). As distâncias físicas, deste modo, gradativamente vêm sendo menos determinantes para o estabelecimento de conexões e inter-relações entre indivíduos. Santaella (2008) argumenta ainda que precisamos romper com a dicotomia entre o físico e o virtual, uma vez que o deslocamento físico não mais se apresenta como pré-requisito para a interação com o mundo e com outros sujeitos.

A pandemia evidencia justamente esse intenso atravessamento das tecnologias digitais em rede nas dinâmicas sociais quando voltamos nosso olhar para as pesquisas em curso nas universidades públicas brasileiras. Embora os desafios neste contexto pandêmico sejam enormes, a produção do conhecimento não foi paralisada. Pelo contrário, as universidades públicas, majoritariamente reconhecidas como competentes lugares de produção científica, continuaram e continuam desenvolvendo pesquisas, em especial, na pós-graduação e oferecendo disciplinas para todas/os estudantes na modalidade denominada por algumas instituições como Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Como pesquisadores do campo de estudos de gênero e sexualidade interessados no atravessamento das dinâmicas sociais mediadas por tecnologias digitais em rede no cenário pandêmico, não podemos negar as palavras de Couto, Couto e Cruz (2020, p. 208, grifo dos autores), que argumentaram que o isolamento físico⁴ recomendado pela OMS “separou muitos casais, amantes, *crushs*, amigos, modificou as paqueras e a vida sexual. Já faz um certo tempo que parte expressiva das nossas experiências amorosas e sexuais se dá por meio de aplicativos e sites”⁵. Com a COVID-19, essas relações afetivas/amorosas foram e vêm sendo redesenhadas e, por isso, há uma necessidade de maiores esforços reflexivos para conhecer os efeitos da pandemia na forma como as/os internautas utilizam aplicativos que, dentre outros interesses, servem para a marcação de encontros presenciais para práticas de “pegação”; tais práticas envolvem “pouco uso da comunicação verbal e um maior uso do repertório corporal para demonstrar o interesse” (GADELHA, 2015, p. 66).

Este texto, fruto de pesquisa de mestrado em fase de finalização⁶, analisa os usos do aplicativo de namoro/“pegação” Grindr por homens autoprotoclamados *gays* em tempos de pandemia. Neste contexto, cabe destacar que a opção metodológica da pesquisa é pela conversa *online*, caracterizada por uma dinamicidade comunicacional que faz da internet uma aliada importante na produção de conhecimento (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020; COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017). Em tempos de pandemia, a quarentena não impossibilitou o prosseguimento do trabalho de campo, uma vez que os sujeitos envolvidos nessa dinâmica interativa encontram-se geograficamente dispersos e fazem da rede um espaço potente para partilhar saberes. No entanto, algumas das questões norteadoras do estudo foram redesenhadas para que pudéssemos conhecer como os usuários do Grindr estão fazendo uso do aplicativo em plena pandemia. Se reconhecemos, conforme

⁴ Embora comumente vem sendo adotada a expressão “isolamento social”, nossa opção é pelo uso da expressão “isolamento físico” porque entendemos que, com a pandemia, estar isolado socialmente vai de encontro com a ideia de que muitas pessoas geograficamente dispersas têm tido a oportunidade de continuarem interconectadas e interagindo umas com as outras (HENRIQUE, 2020).

⁵ Não é o foco aqui discutir o grave cenário social envolvendo uma quantidade significativa de brasileiras/os que ainda não possuem acesso à internet, além da triste realidade de que o próprio isolamento não pode ser cumprido por todas/as. Algumas reflexões sobre o cenário nacional em tempos de pandemia são discutidas nos trabalhos de Carrara (2020) e Kohan (2020). Embora não esteja discutindo especificamente o Brasil, vale destacar as primorosas reflexões realizadas por Santos (2020) sobre o cenário mundial pandêmico.

⁶ O primeiro autor do texto vem conduzindo o trabalho de campo e o segundo autor é o orientador da pesquisa. O terceiro autor, também pesquisador do campo de estudos de gênero e sexualidade, vem colaborando com a pesquisa por meio de importantes reflexões e sugestões, muitas das quais foram discutidas durante o Exame de Qualificação do mestrando em 2020.

Paraíso (2014), que pesquisar envolve o ato de recomeçar, de ressignificar pontos de vista, então a pandemia trouxe a oportunidade para buscarmos outros caminhos, abrindo novos percursos para analisar o contexto social do tempo presente.

De forma alguma podemos ignorar que o isolamento físico recomendado pela OMS afeta diretamente as dinâmicas de uso do Grindr, que é muito utilizado para a marcação de encontros presenciais entre homens *gays*. Esse aplicativo foi o primeiro do mundo a conjugar a tecnologia de geolocalização para permitir a interação entre indivíduos levando em consideração a territorialidade espacial (MISKOLCI, 2014). Dessa forma, o seu lançamento configura-se como um marco significativo nas relações sociais mediadas por dispositivos digitais em rede, ainda mais considerando o quanto os aplicativos de namoro/“pegação” são capazes de potencializar as práticas de sociabilidade entre seus usuários. Em tempos de pandemia, cabe questionarmos os usos de um aplicativo que foi pensado para incorporar a dinamicidade das interações entre homens que, com o uso de tecnologias portáteis como *tablets* e *smartphones*, também buscam relacionamentos a partir de encontros presenciais com o outro.

A seguir, apresentamos nossa opção pela cartografia *online* (CARVALHO; POCAHY, 2020; TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020) como método para desenvolver esta pesquisa. Como procedimento metodológico prioritário, temos utilizado as conversas *online*, que foram conduzidas no WhatsApp para interagir com os usuários do Grindr participantes da pesquisa. Compreendemos que a conversa permite compartilhar experiências, vivências e nos aproximar das pessoas. Associamos a conversa como um ato de fala e como prática discursiva que (re)produz realidades, sensações e sentimentos (OTTONI, 1998). As palavras, sejam faladas ou escritas, “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LARROSA, 2002, p. 21). Ao lançarmos mão deste procedimento, na sua configuração digital, entendemos que os formatos – sejam “digitados”, sejam “em áudio” – nos colocam em ação por meio da palavra e é por meio dela que os sujeitos dão sentido ao que são, ao que lhes acontece. Larrosa (2002, p. 21) acrescenta que é por meio da palavra que “nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos”.

Posteriormente, apresentamos e analisamos algumas das interações com os sujeitos da pesquisa, incluindo discussões que evidenciam a importância da quarentena para evitar que o novo coronavírus continue a circular, ao mesmo

tempo em que apontamos com preocupação o fato de que alguns usuários do aplicativo não estão adotando o isolamento físico recomendado pela OMS. Por fim, a título de conclusão, tecemos algumas breves considerações provisórias que apontam para a potencialidade do Grindr na constituição de novos processos de sociabilidade em tempos de quarentena, o que significa mais conversa, mais bate-papo e menos “pegação”.

CARTOGRAFANDO O DESEJO: UMA METODOLOGIA ABERTA ÀS POSSIBILIDADES

Com o método cartográfico, apostamos na ampliação das entradas de problematização na medida em que acompanhamos os acontecimentos sociais das práticas cotidianas. Nesse aspecto, entendemos que “a cartografia nos possibilita também a articulação entre saberes, discussões teóricas, acontecimentos cibercontemporâneos, práticas cotidianas e produção de subjetividade” (CARVALHO; POCAHY, 2020, p. 96). A potencialidade de tal método consiste justamente em permanecermos abertos e inventivos, buscando não fazer dele nossa “camisa de força”, mas operando por meio de uma postura que busca vasculhar, conhecer; afinal, “cartografar é intervir – percorrer a vida entre-mundos e por eles ser afetado” (POCAHY; SILVA; DOURADO, 2020, p. 6). Somando-se a isso, cartografar no contexto das dinâmicas sociais mediadas pelo digital em rede significa reconhecermos a potência da internet, que “nos permite cocriar em rede, entrar em conexão com outras pessoas, produzir sentidos, trocar informações, circular, distribuir informações, saberes, conhecimento. A internet configura-se como lugar de conexão e compartilhamento” (COUTO JUNIOR; VELLOSO; SANTOS, 2020, p. 96).

Cartografar constitui-se como a possibilidade de experimentação teórico-metodológica que se constrói gradativamente em parceria com o/a outro/a, que convida a olhar/analisar acontecimentos sociais em permanente reconfiguração (RAMOS; PEDRINI; RODRIGUES, 2019). Similar ao que Zago (2009, p. 10) definiu como produção de um “instantâneo”, buscamos o recorte de uma, entre muitas, realidades possíveis, similar a uma fotografia que captura um único instante, sob um olhar interpretativo que não se esgota em si próprio. Dessa forma, “entendemos a cartografia como uma oportunidade de nos colocarmos abertas/os ao mundo, acompanhando as transformações sociais engendradas pelas dinâmicas da rede” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020, p. 334). Dito isso, cartografar se constitui em um convite de mão dupla, onde igualmente nós,

enquanto pesquisadores/as, somos colocados/as na posição de aprendentes durante todo o percurso investigativo.

Deste modo, este trabalho reflete nossa análise sobre algumas conversas *online* escritas realizadas em junho de 2020, com 4 sujeitos da pesquisa que vêm fazendo uso do aplicativo Grindr durante a pandemia da COVID-19. A escolha destes participantes se deu pela disponibilidade dos mesmos a partir de contatos previamente estabelecidos com o primeiro autor deste artigo. Todos autodenominam-se *gays*, apresentam idades variando entre 19 e 33 anos, e no momento da interação com eles, estavam posicionados na região da Tijuca, bairro de classe média e classe média alta, localizado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro. Todos estes homens já concluíram o Ensino Médio, dois deles apresentam nível superior completo, enquanto os outros estão cursando a graduação. Por questões éticas e visando preservar a identidade dos sujeitos, foram adotados nomes fictícios neste texto. Os *nicknames* desses sujeitos utilizados em seus perfis na rede social também foram omitidos com o objetivo de que eles não pudessem ser rastreados por meio do uso do Grindr.

Para interagir com eles, vimos adotando como procedimento metodológico a conversa *online* através do WhatsApp. Tal opção buscou potencializar os canais de comunicação com estes homens, mantendo abertas as possibilidades de diálogo sem a necessidade de elaboração prévia de um roteiro semiestruturado (SAMPAIO; RIBEIRO; SOUZA, 2018). Nestas trocas que acontecem nas conversas escritas, buscamos resgatar memórias e estimular a partilha de diferentes saberes, fazendo da conversa *online* um importante espaço de intercâmbio de experiências. Com isso, cada sujeito (pesquisador/a e pesquisada/o) vai “afetando e se deixando afetar pelos inúmeros momentos de interação proporcionados pela liberdade com a qual podemos nos expressar e dialogar nas redes sociais digitais” (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017, p. 28).

A comunicação, uma característica marcante das interações ciberculturais, foi estabelecida com os sujeitos mediante os “princípios da reciprocidade, participação e compartilhamento” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 122). A construção de conhecimento em redes digitais, deste modo, é realizado a partir do compartilhamento de ideias produzidas entre sujeitos interconectados em rede (COUTO JUNIOR, 2013), que fazem da internet um lócus de encontro com o outro (COUTO JUNIOR; FERREIRA; OSWALD, 2017). Neste sentido, ao optarmos por este o procedimento metodológico, reconhecemos a

importância do dar-se a conhecer em um percurso investigativo que prima pela horizontalidade de vozes que, colaborativamente, tecem saberes (COUTO JUNIOR; AMARO; TEIXEIRA; RUANI, 2020).

Retomando o que ensinam Barbosa, Santos e Ribeiro (2018), a possibilidade de utilização, durante a pesquisa, de suportes digitais de memória, como o WhatsApp, apresentam questões práticas próprias da condução de trabalhos no ciberespaço. Dito isso, os usos de tais estratégias metodológicas voltadas para a pesquisa *online* permitem “o registro de narrativas digitais passíveis de ser revisitadas, ressignificadas e publicizadas a partir da bricolagem com a pluralidade de vozes que habitam o espaço na relação com as inspirações epistemológicas e metodológicas do pesquisador” (BARBOSA; SANTOS; RIBEIRO, 2018, p. 112).

Apresentamos a seguir algumas conversas *online* escritas realizadas com os sujeitos e que evidenciaram a existência de usuários que vêm fazendo uso do Grindr para sexo casual com desconhecidos, independente do risco de contaminação pelo novo coronavírus. Ao mesmo tempo, existem usuários que são contra o uso do aplicativo, entendendo que o período da quarentena recomendado pela OMS deveria ser uma medida de segurança adotada por todos.

“VOCÊ É SEU MELHOR PARCEIRO SEXUAL”: USANDO O GRINDR EM TEMPOS DE COVID-19

Nos primeiros dias do “novo normal”, expressão que foi amplamente utilizada na mídia para caracterizar os tempos pandêmicos, buscou-se incentivar e informar a população sobre a importância da adoção e incorporação dos protocolos de isolamento físico, higienização e uso de máscaras em nosso dia a dia. O risco de contaminação por uma doença que, até o presente momento, carece de tratamentos eficazes, tornou o isolamento físico uma medida necessária, de acordo com os especialistas da área de saúde (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020). Enquanto aguardamos a vacina da COVID-19 no Brasil, precisamos nos manter vigilantes para o fato de que toda contaminação pela doença pode sobrecarregar (ainda mais) os hospitais, muitos dos quais não contam com quantitativo de leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) suficientes para atender o número de pessoas que vem sendo infectadas pelo novo coronavírus. Cabe lembrar que até dezembro de 2020 mais de 180 mil

brasileiras/os tinham perdido suas vidas para a doença (sabemos, no entanto, que há subnotificação dos casos e que os números de infectadas/os ainda é grande).

Durante esse período, o Grindr também buscou conscientizar seus usuários sobre a importância do distanciamento físico. Ao “logar”, um *pop-up* salta a tela reforçando a necessidade de “ficar em casa” a partir dos seguintes dizeres: “*Ficar seguro em casa ainda pode ser sexy. Você é seu melhor parceiro sexual*”. O aplicativo, criado para intermediar contatos físicos, agora publiciza mensagens em sua plataforma desaconselhando a marcação de encontros presenciais. Dessa forma, é inegável que a pandemia vem alterando significativamente o cotidiano dos sujeitos pesquisados.

Durante o trabalho de campo, o Grindr também apontava em mensagens na plataforma que “especialistas em saúde” afirmam que “*os parceiros mais seguros são aqueles com os quais você já convive*”. Tal mensagem pode, de certa forma, provocar interpretações que consideramos equivocadas pelo fato de que não necessariamente os parceiros sexuais de convivência residem no mesmo espaço domiciliar. Em diálogo com membros do Grindr, foi recorrente a prática de encontrar com parceiros já conhecidos. No entanto, esses usuários julgavam seguro o encontro presencial pelo simples fato de que ambos estavam respeitando a quarentena. Questionamos esse suposto respeito pela quarentena quando a justificativa para sair de casa não é para a realização de atividades consideradas essenciais (idas a médico, mercado e farmácia, apenas para citar alguns exemplos). Conforme já apontamos no título deste artigo, na quarentena, o tesão pode ser o pior inimigo quando consideramos que há sempre o risco desses sujeitos se figurarem como “mais um número nas estatísticas letais da COVID-19” (CARRARA, 2020, p. 6).

Neste contexto, levamos nossas inquietações a um dos sujeitos participantes da pesquisa. Carlos, ao ser indagado sobre as possibilidades do uso do aplicativo para além da promoção de contatos físicos, aponta:

Carlos: não sei nem para que estão usando este aplicativo agora, não tem que marcar nada enquanto estivermos isolados.

Pesquisador: mas você acha que a única possibilidade é do aplicativo é o contato real?

Carlos: sim neh, apesar de ter muita enrolação, o objetivo é encontrar. Não precisa ser sexo, mas é para tá junto de alguém.

Pesquisador: Então você nem tem usado o aplicativo?

Carlos: Hahaha praticamente não. De vez em quando, dou uma olhada, mas to até sem cabeça pra isso. Me dá raiva esse povo sem noção.

Carlos evidencia seu posicionamento quanto à possibilidade de encontro em tempos de pandemia, a qual ele discorda, principalmente porque reconhece que existem riscos de contaminação pelo novo coronavírus. Para ele, o objetivo do aplicativo é basicamente culminar na marcação de encontros presenciais, o que, de certa forma, difere da percepção de Miskolci (2014), para quem a possibilidade de encontros presenciais não é a única experiência possível que pode ser desenvolvida via aplicativo, mas sim a busca em si, na possibilidade de ver e ter o próprio perfil visto por outros homens. Precisamos considerar também que as conexões em redes digitais por meio de computadores, *smartphones* e outros dispositivos móveis permite que, embora estejamos geograficamente dispersas/os, continuemos a manter, sob novas perspectivas, a criação de vínculos sociais e afetivos (HENRIQUE, 2020). Em tempos de pandemia, as redes digitais são capazes de aproximar ainda mais os sujeitos, que passam a experimentar novas percepções de mundo na medida em que continuam interconectados.

Não podemos negar que os usos que os sujeitos fazem das tecnologias digitais varia consideravelmente, então, é desafiante elencar todas as possibilidades de interação engendradas pelo digital em rede quando as práticas sociais das/os internautas são dinâmicas – inclusive auxiliando os próprios aplicativos a serem constantemente atualizados para atender às demandas de seus usuários. Tendo isto em mente, as “*olhadas*” descritas por Carlos o faz vislumbrar a busca pela visibilidade de si e do outro. É também possível entender aqui a característica, igualmente descrita por Carlos, de “*muita enrolação*”, uma vez que grande parte dos contatos desenvolvidos entre homens no Grindr não resultarão em encontros presenciais. De certa forma, isso traz pistas que revelam o quanto o aplicativo de namoro/“*pegação*” também é usado para cultivar novas possibilidades de sociabilidade que não têm a prática sexual (envolvendo dois corpos fisicamente presentes) como único fim. Afinal, não podemos esquecer que as redes sociais da internet apresentam como característica a constituição de espaços de troca pelo “*simples fato de que é bom estar junto, ainda mais quando o compartilhamento, a reciprocidade e a cumplicidade não têm outro destino ou finalidade a não ser o puro, singelo e radical prazer de estar junto*” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 25-26).

Thiago também expõe seu posicionamento sobre a possibilidade de encontros presenciais, bem como sobre interações *online* com outros membros do aplicativo em tempos de pandemia:

Thiago: Esta sendo interessante, como agora não podemos sair, as pessoas estão conversando mais.

Pesquisador: Como tem sido? Me intriga um pouco isto, pois existe esta restrição para o encontro...isto não afeta a motivação?

Thiago: Então, para mim, esta melhor....porque acabou o desespero, aí se alguém puxa assunto é realmente para desenvolver uma conversa, ou mesmo quando é para falar de putaria mesmo, não parecem que estão no desespero, as coisas estão ocorrendo mais naturalmente.

Pesquisador: Você acha que mudou então a experiência? Ou melhorou a relação entre as pessoas no app?

Thiago: Sim, como falei tenho conversado muito mais, por mais tempo. Digo que a qualidade melhorou.

Em conformidade com o defendido por Miskolci (2014), a possibilidade de ver e ser visto constitui aspecto central no Grindr e pode se caracterizar pelo termo em inglês *cruising*. Neste contexto, conforme aponta Thiago acima, a busca por um parceiro, e mesmo o flerte, não necessariamente precisa coincidir com a expectativa de um encontro físico, ao menos no curto prazo. Ainda de acordo com Miskolci (2014), as interações visando a conquista do parceiro é uma característica valorizada entre os homens *gays*, por ser entendida como um atributo relacionado a uma idealização de masculinidade. O ato de paquerar seguindo seus próprios critérios, para homens *gays*, é uma liberdade historicamente nova e relativamente mais fácil hoje, com a emergência e popularização dos aplicativos conectados em rede. Na interface do Grindr, esta paquera pode ser realizada de forma privada por meio de mensagens de textos e voz, tentando chamar a atenção de um homem através do “tap”, uma espécie de “curtida de perfil” que indica interesse no perfil de um usuário.

Em tempos de COVID-19, a “curtida” no Grindr pode desencadear novas interações, fazendo com que as conversas ocorram com mais frequência e com maior duração, conforme frisou Thiago: “*tenho conversado muito mais, por mais tempo. Digo que a qualidade melhorou*”. Se passamos mais tempo em casa e usamos um aplicativo de namoro/“pegação” respeitando o isolamento físico, então novas práticas de sociabilidade acabam se formando no contexto das dinâmicas comunicacionais do Grindr, como o próprio cibersexo. De acordo com Couto, Couto e Cruz (2020, p. 208-209), “o cibersexo são artifícios e

textualidades compostos por sons, imagens fotográficas e videográficas, signos diversos que se misturam, se confundem e são remixados na produção de novos produtos para diferentes sentidos e gozos”. Na pandemia, o cibersexo mostra que não precisamos estar fisicamente presentes para colocarmos em prática novas experimentações envolvendo desejos e prazeres corporais. Isso não significa dizer que o corpo perdeu importância, pelo contrário, em tempos de COVID-19 as práticas de se buscar/sentir prazer precisam ser ressignificadas considerando as potencialidades comunicacionais das redes sociais digitais.

Durante os primeiros meses do lockdown, a possibilidade de interagir com membros mais distantes geograficamente que o usual, próprio da versão paga do aplicativo, foi liberada para todos os usuários dos Grindr. Reconhecemos essa opção como um incentivo a novas conversas que não resultassem em contatos físicos, uma vez que a posição relativa dos sujeitos deixou de ser fator restritivo para as interações no aplicativo. Novamente cabe destacar aqui os dizeres do pop-up divulgado no Grindr, “Ficar seguro em casa ainda pode ser sexy. Você é seu melhor parceiro sexual”, porque nele percebemos um alinhamento entre o que diz Thiago e uma nova proposta de uso do aplicativo durante a quarentena. Apesar da forte conotação sexual contida no informe do aplicativo, podendo ser interpretado como um convite à masturbação com auxílio de interações no Grindr, o que Thiago e o pop-up apresentam em comum é a necessidade do isolamento físico. O aplicativo continua relevante, mas seu uso adquire agora um novo contorno que busca considerar os desafios sociais que vivenciamos no contexto pandêmico contemporâneo.

Ainda que o Grindr esteja alertando seus usuários para a necessidade do isolamento, Lucas, participante da pesquisa, continua agendando encontros presenciais por meio do aplicativo, segundo revela seguir:

Pesquisador: Como tem sido a quarentena neste momento?
Continua usando o Grindr?

Lucas: às vezes...o pessoal tá bem ligado na quarentena, apesar de muitos não estarem ligando muito.

Pesquisador: Mas e você tem seguido a quarentena? Ou chegou a usar o aplicativo para marcar algum encontro?

Lucas: tenho evitado sair sim, em geral já era difícil mesmo marcar por questão de local, mas tem um cara que já conheço e como ele também têm mantido a quarentena, nos encontramos este dia.

Pesquisador: se encontraram seguindo os protocolos? Máscara, álcool em gel.....

Lucas: kkkk não, então foi para sexo mesmo, mas como disse já nos conhecíamos, ficamos sempre que dá, e ele não tem saído também, estava sozinho em casa. Quando nos vemos online, geralmente já rola de marcar algo, mesmo sendo rapidinho.

Conforme reforçado por Lucas, o homem com quem ele se encontrou, “*mesmo sendo rapidinho*”, os expõe a uma situação de risco. Questionado sobre os protocolos de segurança (máscara, álcool em gel), a gargalhada de Lucas, caracterizada pelo uso repetido da letra k (“*kkkk*”), traz pistas que consideramos importantes sobre a relação desses protocolos com o sexo casual marcado via aplicativos. O sexo casual da pandemia seria a base de lubrificante, camisinha, máscara, *face shield* e álcool em gel? Além disso, haveria espaço para seguir tantos protocolos de segurança contra a COVID-19 durante o sexo, ainda mais considerando que o próprio encontro entre as/os parcerias/os exige o risco do próprio deslocamento físico para chegar até o local marcado? Frente a isso, novamente reiteramos que precisamos (re)inventar/descobrir formas outras de buscar/sentir prazer, fazendo da internet um espaço de experimentação. Em tempos de pandemia, “aplicativos de paquera, conversas apimentadas e trocas de *nudes* são acompanhadas de mais fantasias, brinquedos e jogos sexuais. As *lives* de sexo se multiplicam e proliferam os discursos sobre e com imagens sexuais” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 208, grifos dos autores).

André, a seguir, apresenta uma visão despreocupada com relação aos riscos de contágio pelo novo coronavírus. Em conversa com ele, é apontado que permanece com sua “rotina normal”, o que inclui contato esporádico com outros membros do Grindr.

André: Não têm essa de quarentena pra mim. Eu tenho que sair pra trabalhar mesmo, então não mudou muito, só tenho que sair de máscara.

Pesquisador: Entendo, mas você tem ido somente trabalhar ou mantém as saídas e encontros?

André: Rotina normal. Acho até um pouco de frescura isto. Quer dizer sei que ta rolando essa doença, mas sou jovem, não to no grupo de risco nem em contato com ninguém que esteja, então não vejo perigo.

Pesquisador: Bom, não é o que vem sendo recomendado. A pandemia não afetou em nada para você o uso do aplicativo?

André: No início, bem no início sim, ninguém queria marcar, mesmo eu tendo local. Agora não. Antes tinha muita gente colocando no perfil fotos de máscaras e falando que estava de quarentena, mas isso já passou, tá geral se pegando já rsrs.

Na fala de André ecoa um discurso preocupante alinhado com as políticas públicas que vêm sendo colocadas em prática no país. O jovem, de 22 anos, aponta que não está no chamado “grupo de risco”, ou seja, não possui nenhuma comorbidade como obesidade e doenças crônicas. O fato de morar sozinho e de afirmar que mantém encontros exclusivamente com pessoas que não se enquadram no “grupo de risco” o faz crer que não estaria colocando em risco sua vida e nem a vida das pessoas com quem vêm se relacionando. Não é nosso papel aqui, por meio de um discurso moralista, dizer “o que pode ou não” o sujeito da pesquisa ou simplesmente afirmar que o jovem não está seguindo as medidas de segurança propostas pela OMS. Contudo, problematizamos a ideia de que, embora não esteja no “grupo de risco”, essa característica do ser “um jovem saudável” não faz de André estar imunizado ao novo coronavírus.

No Brasil, o discurso negacionista e a minimização do contágio entre grupos e faixas etárias específicas apresenta destaque na mídia e ganha popularidade nas redes sociais da internet com o pronunciamento do presidente da república, no dia 24 de março de 2020⁷, quando cita seu “histórico de atleta” e divulga informações não respaldadas em dados científicos. Em tempos pandêmicos, é preocupante o envolvimento do governo Bolsonaro em “episódios considerados controversos, inclusive gerando repercussões internacionais negativas pela sua forma de praticar no país uma política considerada conservadora e irresponsável” (TEIXEIRA; COUTO JUNIOR, 2020, p. 331). No decorrer de 2020, acompanhamos com temor depoimentos de um presidente que “minimiza a gravidade da pandemia, debocha dos doentes e mortos, ironiza familiares que choram seus mortos, faz, apoia e ressalta discursos autoritários, agride profissionais de saúde, jornalistas e instituições” (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020, p. 211). Em dezembro de 2020, a situação do Brasil continua alarmante com o recrudescimento dos casos de contaminação, no que se convencionou chamar de segunda onda de contágios. A retórica presidencial, neste sentido, contribui para a naturalização dos riscos e mortes causadas pela pandemia (KOHAN, 2020).

A temporalidade é um fator de destaque importante para ajudar a entender a redução nas taxas de adesão ao isolamento físico pelas/os brasileiras/os. Se no início da pandemia, como o próprio André menciona, era possível acompanhar campanhas individuais, como fotos de perfis com o uso de máscara, e mesmo a

⁷ O pronunciamento pode ser assistido na íntegra no Youtube no seguinte link: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=Vl_DYb-XaAE. Acesso em: 12 dez. 2020.

explicitação de determinados utilizadores do aplicativo de que estavam cumprindo a quarentena, hoje parece ser menor a menção aos cuidados individuais contra a propagação do novo coronavírus. No entanto, diante de toda tragédia que vivemos no mundo pandêmico, a melhor estratégia continua sendo a de mantermos o isolamento físico, praticando a solidariedade umas/uns com as/os outras/os com o objetivo de não fazer o vírus se propagar ainda mais (SANTOS, 2020).

Outro ponto que merece destaque na fala de André é a questão socioeconômica. A fala dele remete para as reflexões de Butler (2020), que escreve especificamente sobre a pandemia da COVID-19 e afirma que o coronavírus não discrimina, porém nossa sociedade trata de o fazê-lo - e este foi um dos aprendizados de nosso tempo presente. Não podemos esquecer que pessoas das classes sociais mais altas e que tinham condições de viajar para Itália e Espanha, e outros destinos internacionais, trouxeram o vírus para o território nacional. No caso do Rio de Janeiro, alguns dos bairros mais nobres converteram-se nos epicentros de contaminação da cidade. Dessa forma, questionamos sobre as reais possibilidades de manter-se seguro/a, e em quarentena, das/os trabalhadoras/es obrigadas/os a retornar às suas atividades, sendo muitas vezes obrigadas/os a enfrentar longas jornadas em transportes públicos lotados, e condições precárias de trabalho. Essa tem sido a rotina de trabalho de André, que acaba banalizando a gravidade da situação, inclusive afirmando que considera “*até um pouco de frescura*” a quarentena recomendada pela OMS; uma quarentena que não pode ser cumprida por todas/os, nem mesmo por ele, um jovem trabalhador: “*Não tem essa de quarentena pra mim. Eu tenho que sair pra trabalhar mesmo, então não mudou muito, só tenho que sair de máscara*”.

Ao contrário do que defendeu Žižek (2020), a nosso ver, a pandemia não representou um golpe certo e mortal no capitalismo, ao menos não no que se refere às condições de trabalho das massas assalariadas do Rio de Janeiro. Não podemos negar que, de acordo com Carrara (2020), para manter os empregos e a economia funcionando, é preciso negligenciar os mais vulneráveis ao vírus. Caminhando com esse pensamento, Preciado (2020) argumenta que o novo coronavírus mostra a intensificação e a materialização de uma gestão governamental baseada em políticas que continuam colocando em prática ações que não vêm auxiliando na minimização das profundas desigualdades sociais.

Tendo tais questões em mente, podemos entender um pouco melhor as condições de possibilidades que permeiam a decisão de André, assim como a de

muitos usuários do Grindr, de adotar de forma parcial os protocolos de segurança e proteção contra a COVID-19. As incertezas da pandemia possibilitam justamente lançar novos olhares para questões antigas.

O TESÃO CONTINUA, MAS A PANDEMIA NÃO ACABOU... E AGORA? PARA NÃO CONCLUIR

O isolamento físico imposto pela pandemia da COVID-19 reconfigurou o cenário social, acarretando em mudanças significativas na forma como vimos interagindo umas/uns com as/os outras/os. Em um primeiro olhar, um aplicativo de namoro/“pegação” que busca agendar encontros presenciais entre o público *gay* parece fazer pouco sentido em tempos de quarentena. Porém, após conversar com alguns dos participantes da pesquisa, identificamos que o cenário é mais complexo do que simplesmente afirmar que o Grindr deixou de fazer sentido para os usuários em função das recomendações das/os especialidades para respeitar o isolamento físico.

Não podemos desconsiderar o contexto desta pesquisa. No momento que conversamos com os sujeitos sobre os usos do Grindr, vivenciamos no território nacional uma perversa política caracterizada por Carrara (2020) de “neodarwinismo social”, que faz a pandemia ser vivida no Brasil em meio a um pandemônio. De acordo com o autor, isso significa que os grupos mais vulneráveis à COVID-19 (como pessoas com problemas de saúde pré-existent e idosos/os) devem correr risco de vida porque a “economia não pode parar”, somado ao fato de que a quarentena é ridicularizada por meio da formulação teorias/fantasia conspiratórias que “que transformam o coronavírus em ‘vírus chinês’” (p. 5).

Diante do exposto, consideramos que os usuários que ainda insistem em marcar encontros presenciais pelo Grindr estariam sendo atravessados por um sentimento de descrença pelos reais risco da contaminação de um vírus que já matou mais de 180 mil brasileiras/os entre março e dezembro de 2020. Esse sentimento é (retro)alimentado pelos discursos do presidente, que banaliza e naturaliza a morte daquelas pessoas que não sobreviveram à doença (KOHAN, 2020). Não é de se estranhar que, no final de 2020, momento em que as últimas palavras deste texto são alinhavadas, é cada vez mais comum assistirmos (com tristeza) nos noticiários que as praias cariocas estão cheias, os transportes públicos permanecem lotados, ainda existem pessoas caminhando pelas ruas sem máscaras e que muitas empresas vêm retornando à “modalidade presencial”,



fazendo seus/suas funcionários/as ocupar espaços comerciais propícios para a contaminação do novo coronavírus.

Não podemos negar que a conversa tecida com os sujeitos fornecem entradas de problematização que consideramos relevantes na medida em que o cenário pandêmico atravessa o cotidiano deles. Embora alguns usuários não estejam seguindo as orientações de segurança para não contaminarem-se pelo novo coronavírus, muitos vêm encontrando no aplicativo novas oportunidades de sociabilidade *online* no lugar de marcar encontros presenciais, conforme discutimos acima. Os sujeitos trazem pistas que sugerem a constituição de novos processos de sociabilidade, o que significa mais diálogo, mais conversa, em suma, mais “bate-papo” e menos “pegação”. Em tempos de quarentena/pandemia, abrem-se novas possibilidades para questionarmos a inevitabilidade do contato físico como pressuposto de satisfação dos desejos e prazeres corporais. Dessa forma, vislumbramos a potencialidade do Grindr na emergência de novas sociabilidades que se formam em tempos de quarentena quando identificamos que alguns dos sujeitos da pesquisa vêm interagindo com outros homens no aplicativo sem a intenção de agendar encontros presenciais.

De forma alguma defendemos que a internet substitua os relacionamentos afetivos/sexuais presenciais, mas reconhecemos que as redes sociais hoje constituem-se como mais uma possibilidade de encontro com o outro, ampliando ainda os vínculos sociais e afetivos entre sujeitos geograficamente dispersos. Na quarentena, o tédio pode ser o pior inimigo quando achamos que precisamos, sempre, da presença física do outro. Que possamos experimentar novas práticas de “pegação” tendo a internet como aliada, fazendo da rede nosso porto seguro enquanto a vacina contra o novo coronavírus ainda não estiver disponível para toda a população brasileira.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Aleksandra; SANTOS, Edméa; RIBEIRO, Mayra. Diário online no WhatsApp: App-learning em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: SANTOS, Edméa; CAPUTO, Stela Guedes (Orgs.). **Diário de pesquisa na cibercultura: narrativas multirreferenciais com os cotidianos**. Rio de Janeiro: Omodê, 2018, p. 111-131.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, Pablo (Org.). **Sopa de Wuhan: Pensamientos contemporáneos em tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 59-66. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1bpWWb7X4CRi-VFyMleQhtNEslFneKmqk/view>> Acesso em: 12 set. de 2019.

CARRARA, Sérgio. As ciências humanas e sociais entre múltiplas epidemias. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 1-6, 2020.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/physis/a/M86RRwR3jpnCYFL3KxPCyb/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 27 set. 2020.

CARVALHO; Felipe da Silva Ponte de; POCAHY, Fernando. Cartografias ciberculturais da formação docente: experimentações autorais na disciplina de educação estética. *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 94-102, jan./abr. 2020. Disponível em:

<<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/604/336>>. Acesso em: 10 maio 2020.

COUTO, Edvaldo; COUTO, Edilece Souza; CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #Fiqueemcasa: educação na pandemia da COVID-19. *Interfaces Científicas – Educação*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777/3998>>. Acesso: 15 maio 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. **Cibercultura, juventude e alteridade: aprendendo-ensinando com o outro no Facebook**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2013.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; AMARO, Ivan; TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; RUANI, Ruann Moutinho. Do face a face às dinâmicas comunicacionais em/na rede: a conversa online como procedimento metodológico da pesquisa em educação. *Revista Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/issue/view/1429>>. Acesso em: 16 jun. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; FERREIRA, Helenice Mirabelli Cassino; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Compartilhando experiências sobre o “armário”: as conversas online como procedimento metodológico da pesquisa

histórico-cultural na cibercultura. **Interfaces Científicas – Educação**, Aracaju, v. 6, n. 1, p. 23-34, out. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/4423/2415>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; VELLOSO, Luciana; SANTOS, Rosemary dos. Os movimentos ciberativistas de (re)existência nas redes sociais e suas implicações para a educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 60, p. 91-108, jan./mar. 2020. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/48628/32435>>. Acesso em: 1 mar. 2020.

GADELHA, Kaciano Barbosa. Para além da “pegação”: performatividade e espacialidade na produção de materialidades sexuais online. **Áskesis**, São Carlos, v. 4, n. 1, p. 56-73, 2015. Disponível em: <<https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/44>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

HENRIQUE, Trazíbulu. COVID-19 e a internet (ou estou em isolamento social físico). **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 173-176, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/8713/3937>>. Acesso em: 28 abr. 2020.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p. 1-9, 2020. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16212/209209213391>> Acesso em: 28 jun. 2020.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 16, n. 40, p. 28-35, 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6314/4589>>. Acesso em: 16 mai. 2020.



MISKOLCI, Richard. San Francisco e a nova economia do desejo. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 91, p. 269-295, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/QCkk8fTjbdFXs4j4Nm9z9nq/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

OTTONI, Paulo R. **Visão performativa da linguagem**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

PARAÍSO, Marlucey Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 25-47.

POCAHY, Fernando; SILVA, Ana Lúcia Gomes da; DOURADO, Emanuela Oliveira Carvalho. A cartografia como pesquisa-in(ter)venção do/no presente: modos de/para pensar-fazer a formação docente. **Revista Ciências Humanas**, Taubaté, v. 13, n. 1, p. 5-10, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/622/328>>. Acesso em: 6 maio 2020.

PRECIADO, Paul. Aprendiendo del virus In.: AMADEO, Pablo (org.). **Sopa de Wuhan: Pensamientos contemporáneos em tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 163-185. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1bpWWb7X4CRi-VFyMIeQhtNEslFncKmqk/view>> Acesso em: 12 set. 2019.

RAMOS, Hugo Souza Garcia; PEDRINI, Mateus Dias; RODRIGUES, Alessandro. Cartografia e pesquisas com os cotidianos: um encontro metodológico. **Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 2, p. 139-151, jan. 2019. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/343/200>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

SAMPAIO, Carmen Sanches; RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayyu, 2018, p. 21-40.

SANTAELLA, Lúcia. A ecologia pluralista das mídias locativas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 15, n. 37, p. 28-35, 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4795/3599>>. Acesso em: 16 mai. 2020.b

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

TEIXEIRA, Marcelle Medeiros; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro. Deu ruim na hashtag! Bots e pandemia de fake news em tempos de COVID-19: o caso #Fechadocombolso(l)naro. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 328-347, jun./out. 2020. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riac/article/view/51544>>. Acesso em: 16 dez. 2020.

ZAGO, Luiz Felipe. **Masculinidades disponíveis.com: sobre como dizer-se homem gay na internet**. 2009. 227f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ŽIŽEK, Slavoj. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lo Kill Bill.... In.: AMADEO, Pablo (org.). **Sopa de Wuhan: Pensamientos contemporáneos em tiempos de pandemia**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio); 2020, p. 21-28. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1bpWWb7X4CRi-VFyMIeQhtNEslFncKmqq/view>>. Acesso em: 12 set. 2019.

Recebido em 19 de dezembro de 2020.

Aprovado em 13 de julho de 2021.